

Amazon.com: Aurelio Pinotti

https://www.amazon.com/s/ref=dp\_byline\_sr\_ebooks\_1?ie=UTF8&text=Aurelio+Pinotti&search-alias=digital-text&field-author=Aurelio+Pinotti&sort=relevancerank

**Kindle Unlimited**  
 Kindle Unlimited eligible (7)

**New Releases**  
 Last 30 days (4)  
 Last 90 days (7)

**Kindle Store**  
 Kindle Short Reads (52)  
 Kindle eBooks (94)

**Refine by**  
**Word Wise**  
 Word Wise Enabled (4)

**Wenn man eine große Lüge**  
 by Aurelio Pinotti | May 25, 2017 | Kindle eBook  
 \$122.45 Kindle Edition  
 Buy now with 1-Click™  
 Auto-delivered wirelessly  
 Sold by: Amazon Digital Services LLC

**Schadenfreude (German Edition)**  
 by Aurelio Pinotti | May 25, 2017 | Kindle eBook  
 \$122.45 Kindle Edition  
 Buy now with 1-Click™  
 Auto-delivered wirelessly  
 Sold by: Amazon Digital Services LLC

**Los diarios de Penélope (Spanish Edition)**  
 by Aurelio Pinotti | May 20, 2017 | Kindle eBook  
 \$122.45 Kindle Edition  
 Buy now with 1-Click™  
 Auto-delivered wirelessly  
 Sold by: Amazon Digital Services LLC

**A bocce ferme**  
 by Aurelio Pinotti | May 20, 2017 | Kindle eBook  
 \$122.45 Kindle Edition  
 Buy now with 1-Click™  
 Auto-delivered wirelessly  
 Sold by: Amazon Digital Services LLC

Arigo Eclipse - bruceba... x Poesia post umana (Italian Edition) x

https://www.amazon.fr/Poesia-post-umana-Italian-Aurelio-Pinotti-ebook/dp/B01F0YV0N2/ref=vp\_1\_7?ie=UTF8&qid=1496667

Retour aux résultats de la recherche pour « poesia post umana »

**Poesia post umana (Italian Edition) Format Kindle**  
 de Aurelio Pinotti (Auteur)  
 Soyez le premiers personnes à écrire un commentaire sur cet article

Val les formats et éditions

**Format Kindle**  
 Emprunter abonnement Kindle

Ce titre et plus d'un million d'autres sont disponibles sur Abonnement Kindle. Le prix d'emprunt à la page est disponible ici.  
 EUR 174,66 à l'achat

Che cosa lei chiama "poesia post umana"? Poesie che un ordinatore potrà scrivere un giorno

Poesia combinatoria come Perce l'ha prodotta? Sì, ma ricerca di forme inedite, insolite

Ricerca di chi? Per chi? Da nessuno per chiunque Ricerca senza fine libera, labile, lacerata

En lire moins

Langueur: 25 pages  
 Langue: Italien

Composition anglaise: Activé  
 Page Flip: Activé

Prix Kindle: EUR 174,66 TVA incluse  
**abonnement Kindle**  
 Empruntez ce titre et accédez à plus d'un million d'ebooks. 14 jours d'essai gratuit. En savoir plus

Emprunter  
 OU  
 Acheter en 1-Click™  
 Envoyer sur votre Kindle ou un autre appareil

Envoyer un échantillon gratuit  
 Envoyer sur votre Kindle ou un autre appareil

Ajoutez à votre liste

Saisir un code promo ou un chèque-cadeau  
 Partager

# PERFORMAR O ECLIPSE: AS AÇÕES ARTÍSTICAS DE AURÉLIO PINOTTI

**Bruno Biasio**

Recebido em: 20/10/2017

Aceito em: 22/11/2017

## Aurélio Pinotti performance literatura ultracontemporânea elipse

*Constituída por 93 livros publicados em menos de seis meses, a produção artística de Aurélio Pinotti tem mobilizado alguns textos críticos desde o seu recente aparecimento. Sua interpretação como obra literária, contudo, desconsidera certos elementos fundamentais de seu efeito performativo, que este artigo pretende resgatar por meio da metáfora do eclipse.*

### Eclipse, elipse

Nada mais próximo do eclipse que a elipse: além da semi-homonímia das palavras, ambas partilham o campo semântico da ausência, do ocultamento, da lacuna. “A elipse é a figuração literária do eclipse”, afirma Aurélio Pinotti<sup>1</sup> num enunciado metonímico de suas próprias ações e da forma como têm sido interpretadas pela crítica até o momento. O objetivo deste artigo é desvelar essa falsa sinonímia, chamando atenção para as semelhanças, mas também para as singularidades irredutíveis desses dois termos.

Conheci a obra de Aurélio Pinotti por acaso, em maio deste ano, quando reunia material para minha pesquisa sobre a arte ultracontemporânea. Depois de descobrir *Algumas notas sobre a dramaturgia ultracontemporânea*,<sup>2</sup> deparei, surpreso, com um conjunto vasto e variado de romances, livros de poesia, ensaios, biografias e diversos outros livros aparentemente inclassificáveis, escritos predominantemente em português, inglês, alemão, francês e espanhol (mas havia outros também em italiano, catalão, sueco e japonês<sup>3</sup>). Prometi a mim mesmo dedicar mais tempo àquele autor sobre o qual jamais ouvira qualquer

PERFORMING THE ECLIPSE | *Consisting of ninety-three books published in less than six months, Aurélio Pinotti's artistic production has mobilised some critical texts since its recent appearance. However, its interpretation as a literary work ignores certain key elements of its performance effect, which this article aims to retrieve using the metaphor of the eclipse.* | Aurélio Pinotti, performance, ultracontemporary literature, elipse.

comentário, mas que parecia criar uma obra múltipla e original; contudo, como estava envolvido na composição de um artigo, só pude retornar a Pinotti dois meses depois, e foi então que presenciei seu primeiro eclipse.

Em julho de 2016, quando voltei à página virtual da Amazon em busca de novos livros de Aurélio Pinotti, encontrei um autor diferente do que eu conhecera dois meses antes. O livro de ensaios *O que é literatura ultracontemporânea*,<sup>4</sup> que antes eu havia incluído em minha bibliografia, mas que deixara para ler mais tarde, já não estava disponível para compra. Outras obras de que eu me lembrava perfeitamente – algumas por seu título sugestivo, como *Ubiratan Guimarães, mon amour*,<sup>5</sup> outras porque eu havia lido suas primeiras páginas e tinha uma ideia do seu conteúdo geral, como *Lucas, 14*,<sup>6</sup> que propunha uma série de ações performáticas a ser realizadas no interior do Rio Grande do Sul – simplesmente haviam desaparecido sem deixar rastro, ao mesmo tempo em que havia dezenas de outros aparentemente inéditos ou, pelo menos, de que eu não me lembrava.

Passei os meses seguintes acompanhando com certo interesse os movimentos daquele escritor peculiar e, como os astrônomos que observam o céu noturno em busca de padrões, acabei por detectar certa constância naqueles acréscimos e supressões aparentemente caóticos: a cada semana, a obra de Aurélio Pinotti era ligeiramente distinta. Se hoje ela era formada, digamos, por 11 romances, 13 livros de poesia, seis ensaios e oito programas de ações artísticas, daqui a sete ou oito dias não só a proporção entre os gêneros seria distinta, mas também as próprias obras que compunham o conjunto seriam outras. O que se ocultava sob uma estratégia comercial e artística aparentemente tão disparatada?

Antes que eu pudesse formular uma resposta para a pergunta, ocorreu o segundo eclipse (o segundo de acordo com meu ponto de vista, uma vez que nada posso afirmar sobre o período anterior a maio de 2016, e mesmo entre maio e julho minha observação não foi tão assídua a ponto de cobrir todos os dias). Um a um, todos os livros disponíveis na página da Amazon foram sendo retirados de circulação, e em poucos dias uma obra que era vasta e multifacetada (em seu momento de maior esplendor, cheguei a contar 41 livros, todos disponíveis para compra imediata) tornou-se de repente nula. O fato de se tratar de livros virtuais tornava o eclipse mais potente, radical e angustiante: uma vez que não havia cópias impressas daquelas obras, era como se elas jamais tivessem existido.

Curiosamente, foi nesse momento em que a obra de Aurélio Pinotti deixou de ser visível que foi publicado a seu respeito o primeiro artigo acadêmico.<sup>7</sup> Essa coincidência me pareceu sintomática não apenas das relações tumultuosas entre o discurso crítico e a criação artística, mas também do fascínio exercido pelas obras e pelos artistas eclipsados.<sup>8</sup> Embora tivesse lido mais de dez livros do autor, Ferreira parecia interessada sobretudo na parte obscura e insondável daquela obra: os livros em alemão, polonês e japonês, sobre os quais ela não podia tecer qualquer comentário, uma vez que não conhecia suficientemente as línguas em questão; as circunstâncias biográficas que haviam permitido ao autor publicar mais de 40 livros em menos de três meses; os procedimentos literários que Pinotti havia utilizado para escrever obras coerentes e coesas sem incorrer em monotonia ou previsibilidade. Em outras palavras, Ferreira tratava o eclipse como eclipse.

Em agosto de 2016, Aurélio Pinotti publicou 61 livros na página virtual lulu.com, trazendo de volta à luz sua obra eclipsada. Como eu não dispu-

nha de uma lista dos livros antes disponíveis na Amazon, não pude estabelecer uma comparação minuciosa entre os dois conjuntos; de qualquer forma, minha memória sugeria que havia vários acréscimos e supressões.<sup>9</sup> *O que é literatura ultratemporânea*, por exemplo, não voltou a ser disponibilizado. Por outro lado, a proporção de livros escritos em inglês me pareceu muito maior nessa segunda aparição do que na primeira. À primeira vista, poderíamos imaginar que se tratasse de uma estratégia comercial com o intuito de potencializar as vendas ou os lucros; no entanto, as práticas do autor são tão heterodoxas que se torna difícil vislumbrar uma coerência lógica inquestionável. Tomemos como exemplo o valor dos livros: as obras de Pinotti são quase sempre vendidas a um preço muito mais alto do que as de tamanho e formato similares. Mais do que uma estratégia comercial, a prática de cobrar oitocentos reais por um livro de poemas de 30 e poucas páginas escrito em italiano ou polonês por um autor obscuro parece uma estratégia artística que coloca em xeque os processos tradicionais de atribuição de preço e valor e nos faz questionar a legitimidade desses processos. Tampouco se deve descartar o fenômeno da reprodutibilidade das obras digitais contemporâneas: uma vez que um livro virtual é comprado, torna-se relativamente fácil produzir um número ilimitado de cópias dessa obra. Aurélio Pinotti parece propor um novo tipo de jogo entre o escritor e o leitor: a partir do momento em que este último paga um valor elevado pelo simples direito de baixar um texto em seu dispositivo de leitura, pode-se imaginar que ele o possa difundir livremente sem custos adicionais. Paga-se, enfim, pelo direito de ler em primeiro lugar, e não mais pelo simples acesso ao texto. De qualquer forma, as estratégias de desaparecimento de Pinotti não se limitam à prática de

tirar livros de circulação sem aviso prévio. Há um eclipse deliberado também da figura do autor, que se recusa a fornecer explicações biográficas, a dar entrevistas, a participar das redes sociais ou mesmo a disponibilizar informações em páginas pessoais. O paradoxo entre a superexposição literária, mediante uma obra prolífica e plurilíngue, e a discrição biográfica, que parece recusar qualquer identidade definida, seja ela nacional, linguística ou mesmo de gênero, é corporificado no paradoxo entre o alcance global das plataformas em que suas obras são publicadas e o número conscientemente limitado de leitores a que esses livros parecem se destinar.

Sobre as explicações biográficas, é preciso abrir um parêntese: não faltam, ao longo dos livros de Pinotti, pormenores, narrativas e alusões a fatos supostamente ocorridos com o autor. Contudo, é impossível reconstituir uma biografia una e coerente a partir desses textos. A simples dispersão geográfica de sua ambientação (há narrativas que se passam em Brno, Budapeste, Cuzco, Lagos, Liubliana, Neuquén, Paris, São Paulo, Vigo e Vladivostok) já aponta para uma identidade fantasmagórica e imprecisa. Há relatos de crimes e atos abnegados; confissões de experiências mutuamente contraditórias; ideologias e preferências sexuais conflitantes; metáforas evidentes e metonímias oblíquas. Para nos ater à questão que nos mobiliza neste artigo, como interpretar a afirmação seguinte, apresentada em *Entrevista número 7*?

*Segundo van Soldt e de Jong, o registro mais antigo de um eclipse de que se tem notícia faz referência a um obscurecimento do sol ocorrido no dia 5 de março de 1223 antes de Cristo, ou seja, exatamente 3197 anos do meu nascimento. A descoberta desse fato foi um dos elementos determinantes da minha atuação artística.<sup>10</sup>*

Podemos considerar a afirmação confiável, e não apenas estabelecer o dia 5 de março de 1974 como data de nascimento do autor,<sup>11</sup> mas também considerar o eclipse como um símile ou uma metáfora da sua prática artística? Ou se trata de uma simples *boutade*, a despeito de a referência a van Soldt e de Jong ser autêntica?<sup>12</sup> Independentemente do suposto valor de verdade do trecho acima, um elemento chama a minha atenção: Pinotti não se refere a seu trabalho como “obra”, mas sim como “atuação artística”. Talvez nessa referência se encontre a base para uma distinção definitiva entre eclipse e eclipse.

### A performance do eclipse

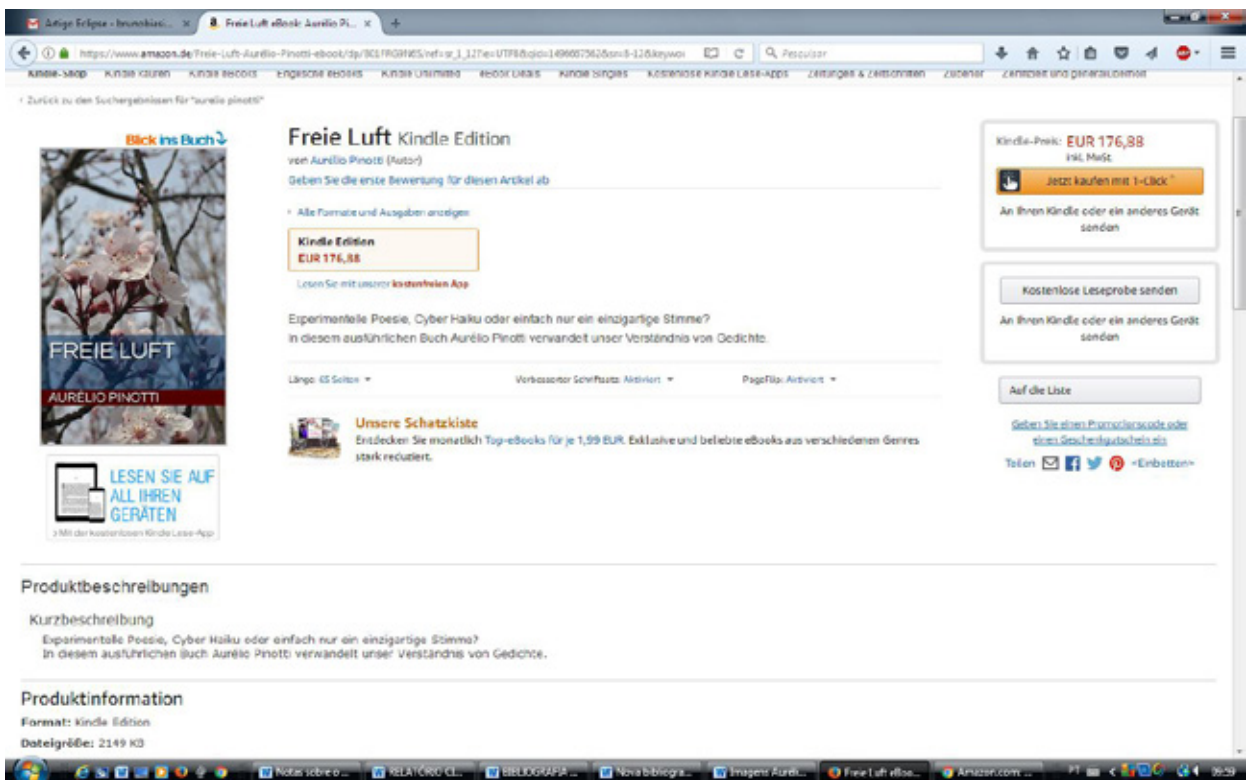
Não obstante seu caráter ultracontemporâneo, um conjunto amplo de livros como os publicados por Pinotti não demorou a suscitar o interesse da crítica. Contudo, embora os estudos de Ferreira, Gagliardi<sup>13</sup> e Pitigrilli abordem questões pertinentes do ponto de vista literário, todos eles parecem partir do pressuposto implícito de que se referem a um *opus* no sentido tradicional do termo: um conjunto de objetos artísticos com características relativamente determinadas (ou, ao menos, determináveis por uma análise suficientemente acurada). A partir dessa perspectiva, as “estratégias de desaparecimento e deslocamento”<sup>14</sup> do autor são interpretadas como elipses, ou seja, como lacunas que apontam para uma totalidade recuperável pela reflexão crítica.

Ainda que não desconsideremos as qualidades estéticas de um livro como *Poesia post umana*, em que recursos técnicos que remontam à poesia trovadoresca são apropriados a partir de uma perspectiva contemporânea, ou de um *roman fleuve* como *Der Stall des Augias*, que mescla comentário e narrativa de uma forma absolutamente original e surpreendente, queremos salienta aqui a

necessidade de abordar as ações artísticas de Aurélio Pinotti a partir de uma perspectiva distinta, que as considere também como eclipse. Para isso, é necessário que recuperemos a citação do autor sobre o fenômeno celeste observado supostamente 3197 anos do seu nascimento: parece-nos sintomático que Pinotti não se refira à sua “obra”, mas sim à sua “atuação artística”.

A partir dessa nova perspectiva, a publicação de 93 livros num período de seis meses<sup>15</sup> não deve ser interpretada apenas como um fenômeno literário, mas também como um gesto performativo<sup>16</sup> que, a despeito do valor que possamos atribuir a cada obra individual, tem suas próprias implicações artísticas. Ao deslocar nosso olhar das obras supostamente estáticas e estéticas para as ações concretas e voláteis de publicação, eclipse, nova publicação, mudança dos textos e dos valores atribuídos a cada livro, criação de gêneros literários inéditos<sup>17</sup>, apresentação de *teasers* semiautomáticos sobre livros que já não podem ser adquiridos,<sup>18</sup> novo eclipse, criação de livros a partir de programas cibernéticos e vários outros procedimentos que não se limitam à prática discursiva, abre-se espaço para que consideremos o efeito performativo dessas ações.

Entendido como performance, o conjunto de ações artísticas de Aurélio Pinotti adquire um sentido mais amplo, de experimento contínuo e imprevisível que coloca em xeque vários pressupostos vigentes nas práticas de leitura e interpretação contemporâneas. A consideração dos livros virtuais como mera transposição digital dos livros impressos é questionada por um procedimento que os explora artisticamente como vetores de sentidos múltiplos e mutáveis; uma vez que todos os livros estão abertos a revisões e retificações radicais, a possibilidade de se emitir um juízo definitivo (ou mesmo minimamente estabilizado) sobre uma



Edição alemã de Freie Luft

obra é seriamente problematizada; a própria concepção da prática literária como “grande arte” reservada a momentos de “silêncio, exílio e astúcia”<sup>19</sup> dá lugar a um processo muito mais precário, ruidoso e prosaico, imerso nas vicissitudes e contingências históricas e individuais.

Longe de ser um elemento alheio à produção de Aurélio Pinotti, a performance ocupa um lugar central no conjunto de seus 93 livros publicados até agora. *Codex Codax* reúne notas preparatórias de uma performance interartística a ser realizada na cidade de Vigo, na Galícia, “com o intuito de trazer de volta à vida o antigo jogral Martin Codax, supostamente atuante entre meados do século XIII e início do XIV”.<sup>20</sup> *Lucas, 14* apresenta uma série de ações a ocorrer na cidade de Erechim. *Desconcerto número 1* propõe uma espécie

de partitura cênica e crítica para uma conferência performática num congresso científico.<sup>21</sup>

Contudo, não são apenas os livros que se enunciam literalmente como programas de ação que podem ser lidos pelo viés performativo. Apesar de sua estrutura poética, que dialoga com vários livros publicados recentemente na França explorando a lista como dispositivo lírico,<sup>22</sup> uma obra como *Le 13 mai 2016 J'écris ton nom*,<sup>23</sup> constituída fundamentalmente por uma lista com o prenome de cada uma das vítimas dos atentados ocorridos em Paris no dia 13 de novembro de 2015, perde muito de sua força se for lida como um poema no sentido tradicional do termo. A intensidade da experiência de leitura não reside nos valores sonoros ou visuais das palavras, mas sim no efeito ritual de sua enunciação – efeito potencializado pelo fato de o livro

ter sido não apenas escrito, mas também publicado no dia em que se completavam seis meses dos atentados na capital francesa.

De forma similar, *Déconcert numéro 2*<sup>24</sup> se propõe como um registro fragmentário de uma ação mais ampla: o registro, por parte do autor, de sua solidariedade a cada atentado terrorista ocorrido entre 20 de outubro de 1995 e 20 de outubro de 2016. Nesse livro ilegível não apenas porque escrito em 52 línguas diferentes, mas também porque em perpétua mutação, espécie de metonímia de toda a ação artística de Pinotti, podemos ver uma materialização dos limites da literatura, e o fato de que o suposto “manifesto solidário” seja vendido ao preço exorbitante de 150 euros desvela ironicamente a dificuldade de livrar a criação artística dos imperativos mercadológicos.

Também em *Disconcert Nummer 3*, publicado em 11 de setembro,<sup>25</sup> o gesto artístico me parece mais relevante que o objeto literário que daí resulta. A simples justaposição de discursos neoneozistas contemporâneos a relatos de refugiados recém-chegados à Europa cria um efeito de caótica polifonia que nos faz indagar se não estamos diante de um novo gênero artístico, em que as noções tradicionais de autoria, criatividade, gênero e identidade já não fazem mais sentido.

### A luz paradoxal do eclipse

Finalmente, é preciso lembrar que não há um único sentido para a elipse. Desde o século 17, o termo é usado não apenas para descrever uma figura literária, mas também uma figura geométrica.<sup>26</sup> Sob esse ponto de vista, elipse e eclipse são elementos complementares: é o movimento elíptico dos corpos celestes que produz o fenômeno do eclipse. Ou, em outras palavras, o eclipse é um evento que nos revela o aspecto elíptico dos corpos em movimento.

Ao fazer do eclipse seu modo de atuação artística,

Aurélio Pinotti não apenas desvela o aspecto lacunar de todo conhecimento, mas também traz para o campo literário uma perspectiva astronômica. Como se dispuséssemos de um potente telescópio que nos permitisse enxergar constelações extintas há milhares de anos, somos capazes de contemplar, no período condensado de seis meses, um movimento que habitualmente só podemos observar ao longo de séculos ou milênios (pense-se, a título de exemplo, no que ocorreu com as obras de Safo, Sófocles ou Menandro): um autor publica um grande número de obras; um número irrisório dessas obras é lido ou comentado por duas ou três pessoas; a maior parte do conjunto desaparece sem deixar rastros; há uma ou outra redescoberta antes do eclipse final, em que tudo (autor, obra e crítica) é devolvido ao vazio dos astros silenciosos.

### NOTAS

1 Pinotti, Aurélio. *Entrevista número 7*. Lisboa: Livros do Desassossego, 2016: 43.

2 Pinotti, Aurélio. *Algumas notas sobre a dramaturgia ultracontemporânea*. Paris: Passage Rauch, 2016.

3 Para uma lista quase completa das obras de Pinotti, ver Pitigrilli, Sandra. A literatura ultracontemporânea em tempos de expansão das mídias digitais: exame da obra de Aurélio Pinotti, in *Kaliopé*, n. 18, São Paulo: PUC-SP, 2016: 17-33.

4 Pinotti, Aurélio. *O que é literatura ultracontemporânea*. Lisboa: Livros do Desassossego, 201.

5 Pinotti, Aurélio. *Ubiratan Guimarães, mon amour*. Paris: Passage Rauch, 2016.

6 Pinotti, Aurélio. *Lucas, 14: Notas para 14 ações*. Paris: Passage Rauch, 2016.

7 Ferreira, Ana. 2016. De Babel a Brno: o caso Aurélio Pinotti. *Revista Gama*, Lisboa, v. 4, n. 7, 2016: 11-27.

**8** Ver, a propósito, as atas do congresso Les tragédies de Sénèque en Europe aux XVIIIe et XIXe siècles: éclipse et résistance d'un modèle théâtral, ocorrido na Université François-Rabelais, em Tours, no dia 15 de outubro de 2015, há exatamente um ano do momento em que escrevo esta nota. Cf. [https://www.fabula.org/actualites/les-tragedies-de-seneque-en-europe-aux-xviii-et-xixe-siecles-eclipse-et-resistance-d-un-modele\\_70612.php](https://www.fabula.org/actualites/les-tragedies-de-seneque-en-europe-aux-xviii-et-xixe-siecles-eclipse-et-resistance-d-un-modele_70612.php).

**9** Essa impressão foi confirmada mais tarde pelo artigo de Pitigrilli, 2016.

**10** Pinotti, Aurélio. *Entrevista número 7*. Lisboa: Livros do Desassossego, 2016: 41.

**11** O que contrariaria a hipótese de Ferreira (2016: 15) segundo a qual o autor teria “entre sessenta e setenta anos de idade”.

**12** Cf. de Jong, Teije; van Soldt, Wilfred. (1989). The earliest known solar eclipse record redated, *Nature*, 338: 238-240 (16 March 1989); doi:10.1038/338238a0. Disponível em <http://www.nature.com/nature/journal/v338/n6212/abs/338238a0.html>, consultado em 14 out. 2016.

**13** Gagliardi, Caio. Problemas da heteronímia digital. *Revista do Centro de Estudos Lusófonos*, Lisboa, v. 2, n. 2, p: 18-34, 2016.

**14** Cf. Pitigrilli, 2016: 19.

**15** Conforme a contagem que fiz hoje, dia 20 de outubro de 2016; mas certamente esse número é precário e provisório, e pode diminuir ou aumentar imprevisivelmente nos próximos dias (ou mesmo nas próximas horas).

**16** Cf. Després, Aurore (ed). *Gestes en éclats – art, dance et performance*. Paris: Les presses du réel, 2016.

**17** Como a infrapoesia, o romance pós-pop e o ram, entre outros.

**18** A propósito, a simples propaganda do livro *Duchamp e nós* já vale como uma instalação artística. O efeito de dissonância produzido pelo programa de leitura automático que pronuncia com sotaque americano um texto em português tornado subitamente ininteligível é um exemplo de antipropaganda que contraria a própria lógica implícita do processo.

**19** Cf. Kenner, Hugh. The rhetoric of silence. *James Joyce Quarterly*, 14.4, 1977: 382-394.

**20** Cf. Pinotti, Aurélio. *Codex Codax*. Paris: Passage Rauch, 2016.

**21** Pinotti, Aurélio. *Desconcerto Número 1: conferência-performance*. Paris: Passage Rauch, 2016.

**22** Cf. Lecolle, Michelle; Michel, Raymond; Milcent-Lawson, Paris (dir.), *Liste et effet liste en littérature*. Paris: Classiques Garnier, 2011.

**23** Pinotti, Aurélio. *Le 13 mai 2016 J'écris ton nom (un oratoire)*. Paris: Passage Rauch, 2016.

**24** Pinotti, Aurélio. *Déconcert numéro 2*. Paris: Passage Rauch, 2016.

**25** Pinotti, Aurélio. *Disconcert Nummer 3*. Lisboa: Livros do Desassossego, 2016.

**26** Cf. Martinho, Fernando Jorge dos Santos. *A elipse nominal em português e em francês*. Dissertação (mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Universidade do Porto. Porto, 1998: 5.

**Bruno Biasio** é crítico e tradutor, doutor em teoria literária pela Unicamp. Este artigo é parte de sua pesquisa de pós-doutorado intitulada *Arte e literatura no contexto da expansão das mídias digitais*.